



INSTANTE, SALTO, EPIFANIA E TRANSFORMAÇÃO: FILOSOFIA, LITERATURA E PSICOLOGIA CLÍNICA

Instant, Leap, epiphany and transformation: Philosophy, Literature and Clinical psychology

Instante, Salto, Epifanía Y Transformación: Filosofía, Literatura y Psicología clínica

ANA MARIA LOPEZ CALVO
DE FEIJOO*
(UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO)

Resumo: A partir da leitura detalhada de algumas obras de Heidegger e Kierkegaard, bem como da literatura tal como apresentada por Lispector, Kierkegaard e Tchekhov, pretendemos mostrar como o instante sustenta a possibilidade de salto, epifania e transformação. Com isso, poderemos sustentar que a clínica psicológica pode atuar de modo a alcançar para além da mudança, a possibilidade de transformação. Para tanto, trabalharemos essencialmente com três princípios metodológicos: leitura dos textos em que Kierkegaard e Heidegger tratam do salto e do instante, respectivamente; ampla pesquisa bibliográfica e leitura crítica de bibliografia secundária, que procuramos em banco de dados; leitura dos romances de Clarice Lispector, Sören Kierkegaard e Anton Tchekhov de modo a poder apreender o acontecimento da epifania. Por fim, mostraremos em um fragmento de um discurso clínico a transformação como acontecimento na clínica.

Palavras-chave: Psicologia clínica; Filosofia; Literatura.

Resumen: Con la lectura en detalle de algunas obras de Heidegger y Kierkegaard, y también con la literatura escrita por Lispector, Kierkegaard y Tchekov, queremos mostrar cómo el instante mantiene la posibilidad del salto, epifanía y transformación. Con esto, podemos sustentar que la clínica psicológica puede ofrecer una manera de alcanzar, más allá del cambio, la posibilidad de transformación. Para eso trabajaremos esencialmente con tres principios metodológicos: revisión de la literatura de los trabajos de Kierkegaard y Heidegger en los que se presentan los conceptos de salto e instante, respectivamente; una búsqueda bibliográfica más extensa y una revisión crítica de la bibliografía secundaria a partir de bases de datos académicas; una revisión de la literatura de los romances de Lispector, Kierkegaard y Tchekhov para comprender el acontecimiento de la epifanía. Finalmente, presentaremos en un fragmento de un discurso clínico la transformación como acontecimiento en la clínica.

Palabras-claves: Psicología clínica; Filosofía; Literatura.

Abstract: This paper intends to present how the concept of instant supports the possibility of leap, epiphany and transformation. The literature review of Martin Heidegger, Soren Kierkegaard, Clarice Lispector and Anton Tchekhov's work will be the foundation of this analysis. As a result, it will be possible to sustain that clinical psychology may offer a way of reaching beyond change, the possibility of transformation. In order to achieve that, three methodological principles will be approached: literature review of Kierkegaard and Heidegger's papers in which the concept of leap and instant are respectively presented; a further bibliography research and a critical review of secondary bibliography from academic databases; a literature review of Lispector, Kierkegaard and Tchekhov's romances to apprehend the happening of the epiphany. Finally, we will present a clinical discourse fragment regarding the transformation as a happening during a psychotherapy process.

Keywords: Psychology clinical; Philosophy; Literature

* Doutora em Psicologia, Docente do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Email: ana.maria.feijoo@gmail.com. Orcid:0000-0002-3064-3635. Apoio: FAPERJ.



Introdução

Nesta oportunidade, propomo-nos refletir sobre os temas: instante, salto, epifania e transformação sob três perspectivas: filosofia, literatura e clínica psicológica. Ressaltamos que ir ao encontro da filosofia e da literatura é importante na medida em que esses saberes apresentam elementos, respectivamente, teórico-especulativo e *arché*-tipos, que nos permitirão pensar a possibilidade de transformação tão almejada no exercício da psicologia clínica.

A clínica psicológica que queremos apresentar nasce do arcabouço teórico-especulativo que conquistamos com os estudos da filosofia e que foi aparecendo na medida em que a prática clínica também foi se estabelecendo. O fenômeno do encontro clínico, no próprio exercício do clínico, mostrou-se em seu *arché-tipo*, ou seja, em sua originalidade, próximo à experiência descrita pela literatura.

Defendemos uma proposta clínica que mantenha elaborações rigorosas na medida em que sustenta suas bases na filosofia e na literatura. Esse rigor pode ser encontrado quando estabelecemos um arcabouço teórico-especulativo (Fogel, 2010). Especulativo aqui compreendido como o modo de construção filosófica, que prescindindo da prática, elabora suas teses pelo exercício do pensamento. O arcabouço especulativo diz respeito a uma clínica psicológica que toma suas bases na fenomenologia, na hermenêutica e na filosofia da existência. Teórico-especulativo por compreender que todo o caminho de articulação e formulações da prática clínica, que denominamos existencial, advém da filosofia. Dessa forma, procedemos rumo à uma clínica psicológica existencial, em que a filosofia nos mostra um caminho de pensamento, que nos permite ganhar liberdade dos pressupostos teóricos sistemáticos próprios da ciência e, conseqüentemente, da ciência psicológica. Com relação à transmissão da experiência clínica, ela ocorre ao apresentarmos a possibilidade de transformação além de outras mazelas humanas com exemplificações advindas da literatura; e, ainda, transmitindo o nosso saber ao mostrarmos o exercício da clínica.

Trataremos o tema instante e salto principalmente pelas considerações filosóficas desenvolvidas, respectivamente, por Martin Heidegger (1957/1991) e Sören Kierkegaard (1843/2009a). O tema epifania foi tratado por Clarice Lispector de modo a compor o clímax de muitos de seus contos. Com isso, a escritora ilustra o instante em que algo se desvela ao personagem principal, provocando nele uma epifania.

A escolha por esses filósofos se deve a dois motivos: 1- Ambos tratam das questões do instante e Kierkegaard, ainda, refere-se ao salto, mostrando que tais temas não podem ser entendidos como fenômenos binários, ou seja, que se apresentam em polos opostos. Com relação ao instante, pensá-lo como oposto ao passado ou ao futuro. Com relação ao salto, como se no polo contrário se encontrasse a paralisação. 2- Eles buscam encontrar a expressão mais originária dos acontecimentos: instante e salto. Ressaltamos que originário diz respeito à condição de possibilidade, historicamente constituída, em que algo se encontra em jogo na existência, no momento mesmo em que a relação se dá.

Fogel (2010) faz a seguinte indagação: “O que é, como é instante – ‘*Augenblick*’?”. E responde a pergunta do seguinte modo:

O instante – que não é, pois, o ou um agora, que eternamente separa (disjunção) antes e depois, passado e futuro – é a instância que nomeia o acontecimento-vida ou existência, enquanto e como eclodir de salto, irrupção do *i*-mediato, do abissal. Tudo – isto é, todas as coisas possíveis enquanto possíveis – é regido pela natureza súbita, *i*-mediata, isto é, pelo in-stante (p. 98).

Fogel (2010, p. 100) esclarece que *Augenblick* quer dizer *Augen*= tem olho; *blicken* é ver de súbito. Segundo Gilvan (2010), Platão em O banquete refere-se ao instante, afirmando ser aquilo em que o mortal é uma espécie de imortalidade. Conclui Fogel “Tudo é de repente” (p.106).

Para esclarecer mais um pouco o tema que iremos apresentar, ressaltamos que o instante, o súbito, a irrupção é que abre a possibilidade do salto em que algo se abre como possibilidade e, imediatamente, as coisas se mostram possíveis e o homem frente ao *i*-mediato salta, acontece a epifania. Tanto Kierkegaard quanto Heidegger tematizaram o instante. Kierkegaard desenvolve o tema de três modos: 1) pelo seu próprio salto que é mostrado em ato; 2) pelas suas reflexões filosóficas e 3) pelas suas figuras literárias. Heidegger trata da questão do instante nas suas reflexões filosóficas: a) ao mostrar o caráter de irrupção do *Dasein* para, então, destruir fenomenologicamente as noções de sujeito, eu, consciência como algo encapsulado e b) ao tratar das tonalidades afetivas fundamentais, dentre elas: a angústia – que ao suspender as orientações sedimentadas em um mundo – abre um espaço de possibilidades e; o tédio que ao suspender tempo, abre outras possibilidades.

A literatura, tomada como modelo para esclarecimento daquilo que entendemos como: instante, salto e epifania – permite que alcancemos o *arché-tipos* ou *protó-tipos*, ou seja, aquilo que tomado de forma



originária, essencial, permite abarcar a multiplicidade das coisas tal como se apresentam à existência humana (Fogel, 2010). Com os escritos de Clarice Lispector podemos acompanhar aquilo que os estudiosos da escritora denominam epifania, ou seja, momento em que a experiência de alguém, de modo inesperado, algo se ilumina e imediatamente se transforma. Veremos, a título de exemplo, contos de Clarice Lispector (1998), Sören Kierkegaard (1847/2004) e Tchekhov (1892/2005) em que acontece a epifania. Em Lispector, podemos acompanhar em seu conto *Amor*, a epifania operada pelo tocar-se de algo ao ver. Kierkegaard nos mostra como o guarda-livros se transforma ao ouvir algo, em *Uma possibilidade*. E em Anton Tchekhov, *Enfermaria 6*, podemos acompanhar como Ivan Dmítrich Gromov é tomado por aquilo que vê e ouve. Todos, frente a algo que aparece (epifania), no instante, se transformam de modo irreversível.

Entendemos que com a filosofia e a literatura, a psicologia clínica pode encontrar elementos que apontam para a possibilidade de transformação e assim defender a existência como realidade da liberdade como possibilidade para a possibilidade (Kierkegaard, 1844/2010). Ao tomar a existência nesses termos, apontamos para algo como uma atmosfera que se estabelece na situação clínica em que esta se apresenta como espaço que sustenta a possibilidade de transformação.

A psicologia clínica, na maioria de suas teorias e práticas psicológicas, trabalha com a noção de mudança. Podemos citar, por exemplo, as perspectivas cognitivo-comportamentais tais como representadas por Beck, Freeman e Davis (2005), que afirmam que ao terapeuta cabe produzir mudanças cognitivas em seus pacientes. Mudança nesse caso diz respeito à modificação de um modo específico de se comportar decorrente da modificação do sistema de crenças e do pensamento. A mudança ocorre por meio ao treinamento, ao esforço e na maioria das vezes, exige um intervalo temporal para que o acúmulo de informações ou o alcance de uma experiência remota possa provocar que a mudança ocorra de fato e se torne hábito. Trata-se de algo da ordem do conhecimento. Assim cabe ao psicoterapeuta atuar com suas teorias e técnicas para promover mudanças por meio de seu manejo clínico.

É importante ressaltar que o nosso interesse não recai sobre a mudança operada na ação clínica; queremos dar um passo atrás, de modo a que possamos refletir sobre a possibilidade de transformação. A transformação que ocorre no instante, prescindindo de intervalo temporal, é salto de um modo de estar no mundo para outro modo. Trata-se de algo que se dá em um piscar de olhos, algo aparece e a pessoa se transforma, passa a ser tocada pelas coisas de outro modo. É uma experiência que guarda o caráter sensível, aquele que de repente vê, ouve, sente; nesse ver, ouvir e sentir, outra possibilidade possa aparecer como tal.

Em síntese, com nosso estudo sobre instante, salto, epifania; queremos alcançar a compreensão daquilo que denominamos transformação. O tema é importante, uma vez que aponta para a possibilidade de que a transformação ocorra na atmosfera da clínica psicológica e, portanto, a relevância do estudo do tema aparece na medida em que o clínico compreenda e aprenda a sustentar a possibilidade para que a transformação ocorra. A transformação daquele que se encontra inquieto com o seu jeito de ser, de modo que ele possa se articular com a vida de outro modo.

Com este estudo temos o objetivo de investigar como a filosofia mostra que o homem sempre se encontra na possibilidade para as possibilidades. A literatura por meio das descrições de experiências de transformação nos mostra que isso é possível. Com isso, temos, em um primeiro momento, a certeza de que a experiência de transformação é uma possibilidade para o homem, isso pelo seu caráter de abertura. Com esse saber queremos mostrar que a clínica psicológica existencial é um espaço que resguarda essa possibilidade, e assim poder descrever o modo como o psicólogo clínico existencial pode se colocar no lugar do guardião da possibilidade de transformação.

As reflexões filosóficas sobre instante e salto.

Para discutir a questão do salto e do instante, intimamente relacionadas com o tempo precisamos esclarecer, as discussões filosóficas sobre movimento e repouso, em que há teses opostas. Uma delas defende que tudo que se dá ocorre de acordo com um eterno movimento; a outra, de que há uma eterna constância e, portanto, ausência de movimento. A questão do movimento e da permanência foi objeto de discussão entre os pré-socráticos: Heráclito e Parmênides. Eles se perguntavam como seria possível algo se movimentar e repousar sem que houvesse contradição nisso. De acordo com Heidegger, os filósofos da modernidade entenderam que os gregos clássicos: Platão e Aristóteles viam nessa questão uma contradição que precisava ser resolvida. O movimento e o repouso deveriam ser colocados em seu devido lugar, como se fossem dicotômicos: a defesa de que um deles era o mais essencial, colocaria o outro no lugar da não verdade. Nessa via de interpretação, Heráclito e Parmênides apresentavam soluções opostas (Heidegger, 1957/1991).

Heidegger (1991), no entanto, tece algumas considerações acerca da questão por meio do que ele denomina identidade e diferença e defende que um polo não anula o outro e que o instante aponta para o momento decisivo em que há uma transformação do movimento para o repouso. Aquilo que está se movimentando passa a repousar e o que está em repouso passa a se movimentar. A essa passagem ele chama de instante. Segundo Heidegger, tanto Parmênides como Heráclito enxergaram a tensão, mas olharam para



isso como sendo uma tensão entre movimento (diferença) e repouso (identidade), ou seja, um não exclui o outro. Em Heráclito (citado por Heidegger, 1991) encontramos um fragmento que diz que algo transmutando repousa. O filósofo defende que há um momento de movimento e um momento de repouso. No transmutar há um repouso e no repouso há um transmutar sempre, não há exclusão. A tensão se mantém continuamente. E quem possibilita essa tensão, paradoxo entre movimento e repouso, é o instante. Por isso, defendem os filósofos pré-socráticos que o instante é o mais originário e decisivo. É esse movimento que está sempre presente: no instante, por meio do salto, uma transformação acontece.

Sören Kierkegaard: instante e salto

Kierkegaard aborda o salto em seus escritos de três modos, o primeiro diz respeito ao seu próprio salto que é mostrado em ato. Em *O instante*, título de uma revista escrita e assinada por Kierkegaard (1855/2006), ele resolve tecer críticas à igreja oficial dinamarquesa. A denominação de *O instante* se deve ao fato de que ele decide em um salto não permanecer nas especulações filosóficas nas quais se mantivera até então. Afirma o filósofo que o instante bem como esse instante foi decisivo, aqui e agora, com extrema contemporaneidade com Cristo. O instante é decisivo, tempo em que tudo se encontra em jogo, confirmando o que em ato se é. Ele havia, por muito tempo em suas obras, se dirigido ao seu leitor, em uma comunicação indireta (por meio de pseudônimos), com críticas à cristandade. Em *O instante*, a comunicação passa a ser direta (autoria assumida), ele passou da especulação à ação – e é na ação, segundo o filósofo, que o instante acontece, trazendo com ele o seu potencial transformador.

O segundo modo como Kierkegaard discute o tema do instante é pelas reflexões filosóficas. Na filosofia existencial de Kierkegaard, as noções de instante e salto estão presentes em suas obras de grande repercussão, tais como: *Postscriptum no científico y definitivo a Migajas filosóficas* (1846/2008), em que ele discute filosoficamente o instante com a questão do tempo; em *O conceito de angústia* (1844/2010b) em que Haufeniensis nos mostra o salto de Adão; em *Repetição* (1843/2009a) em que ele discute a questão do repouso e do movimento.

Podemos encontrar em Kierkegaard (1846/2008) o tema do instante quando ele diz que a alma aparece nesse irromper do tempo: instante. Esse filósofo trata da questão para além de uma condição ontológica, refere-se a um despertar em que o instante é o irromper de outra possibilidade. Trata-se do abrir os olhos, de repente não se via e imediatamente se vê. De repente seus olhos se abrem e você vê. O instante em Kierkegaard refere-se a um poder ver como. O instante é um ver, uma experiência de transformação, algo que corta o tempo e que irrompe. Instante se dá em uma experiência como se não houvesse um antes e um depois. O antes e o depois são derivados desse irromper originário. E é esse tempo que torna possível dizer o ontem, o hoje, o amanhã.

Kierkegaard (1846/2008) diz que os modernos transformaram o tempo de modo que aquilo que era círculo passou a ser visto em linha reta; assim, transformaram a compreensão do tempo em forma sucessiva e linear de passado, presente e futuro. A circularidade na qual nos encontramos mais originariamente, é dado, é instante, é passado - presente - futuro no mesmo ato: mesmo gesto, mesmo olhar. Trata-se de uma compreensão na direção da abolição da sucessão linear do tempo. O tempo cronológico é tardio, quando ele se dá é porque esse outro tempo mais originário, o instante, apareceu e irrompeu. É como se de repente as coisas parassem e você passasse a ver. Antes tudo passava e não fazia diferença nenhuma, tudo igual, mas de repente você vê.

Instante em Kierkegaard (1855/2006) é o momento em que o eterno toca o temporal, de forma paradoxal. O instante não é nem o eterno nem o temporal, é esse choque entre um e outro. E é esse instante que põe o anterior, o agora e o posterior. O instante suspende a sucessão temporal, abole a noção de tempo que nós temos como antes, agora e depois. É como se fosse um tempo pleno. Essa é a experiência do tempo circular tal como pensada pelos gregos antigos, em que o tempo não era interpretado como uma linha reta, tal como compreendido pelos modernos.

O instante é esse momento? É o momento em que algo é reconquistado, novamente retomado. Momento é a retomada do instante, da possibilidade. Instante como caráter mais originário de possibilidade para a possibilidade. Instante não como transformação, mas como o caráter de possibilidade de transformação. É também esse instante do ver, do despertar, em que algo irrompe, mas é um irromper diferenciado. É uma possibilidade, já que, no início e na maior parte das vezes, o homem se encontra em estado de sonolência. E o despertar se dá a partir da possibilidade para a possibilidade. Despertar já está dado como possibilidade, vem da própria abertura. Mas esse irromper abruptamente é da ordem do instante, por isso é que na possibilidade de retomada algo pode se transformar. Esse caráter do de repente não tem a marca da surpresa, justo por ser o mais originário. No entanto, o instante pode aparecer como algo que surpreende em que se vive como se tudo fosse dado e de repente alguma coisa aparece - algo da ordem do instante.

Em suas figuras literárias, Kierkegaard também descreve situações em que o instante é decisivo. Ele nos ensina como o instante, que instaura o salto, imediatamente opera uma transformação. Por exemplo, em *O conceito de angústia* (1844/2010b), Adão dá o salto do estético ao ético quando de repente ouve a proibição: 'Não deves comer o fruto proibido'. Adão vê o que antes não via, qual seja: o caráter de inde-



terminação da sua existência. A proibição desperta Adão para a sua indeterminação originária, ou seja, a liberdade que ele é. Esse homem, que na verdade é ele mesmo e toda a humanidade, se sabe livre. Em *Temor e tremor* (1843/2009b), podemos ver o salto de fé de Abraão ao entregar seu filho ao sacrifício. O herói da fé, na esfera da ética, não deveria cometer um infanticídio. Ele se encaminha para o ato pelo salto da fé. Em *Ou...ou* (1843/2006) o salto ocorre em Cordélia, quando ela é abandonada por Johannes o sedutor, afirmando que nunca mais será a mesma.

As considerações de Kierkegaard sobre o instante nos permitem alcançar uma compreensão da possibilidade de transformação, marcando a diferença daquilo que em psicologia, no caso, cognitivo-comportamental (Beck, Freeman & Davis, 2005), se apreende como mudança de comportamento. A mudança de comportamento ocorre por meio a uma acumulação de aprendizados ou de retorno a experiência passada. Demorando-nos na noção de instante podemos compreender o tempo como algo da ordem de uma síntese, onde passado, presente e futuro ocorrem cooriginariamente, abrindo a possibilidade do salto.

Martin Heidegger: considerações sobre o instante

Como dissemos acima, Heidegger trata da questão do instante nas suas reflexões filosóficas. Primeiro ao mostrar o caráter de irrupção do *Dasein* destruindo fenomenologicamente as noções de sujeito, eu, consciência e, também quando trata do tempo, defendendo que há um tempo mais originário que é condição de possibilidade para que se possa pensar o tempo cronológico. Como o tempo tomado como circularidade foi esquecido, nós, modernos, pensamos o tempo cronológico como o mais originário, diz Heidegger (1987/2001). Heidegger ao discutir o tempo vai referir-se às *ek-stasis*, tempo mais originário, que é condição de possibilidade para que se possa pensar no tempo cronológico.

Para Heidegger (1927/1998), *Dasein* é uma presença subitamente irrompida, é esse mesmo irromper. Logo, não é o presente, porque se assim fosse, teria que ser compreendido como algo dado, pronto e acabado. Por não ser dado, *Dasein* não pode ser objetivado. O homem não pode apreender o mundo nesse puro irromper-se, no entanto, o mais originário, esse irromper - instante - é o que possibilita o ver fenomenológico.

O homem sempre está no risco de se perder, diz Heidegger (2001), mas esse perder-se é decadência, logo é constitutiva, ao mesmo tempo, ele está sempre nessa possibilidade para a possibilidade de ser tocado por um modo de ser, por um afeto, interesse. Esse irromper se dá em um instante, mas como é no instante em que nós sempre nos encontramos, podemos sempre despertar para outra possibilidade. *Dasein* irrompe e já irrompe de algum modo, em um mundo já dado, em certas condições. Isso tem a ver com o que o Heidegger fala da clareira, ou seja, *Dasein* como clareira do ser. Clareira não significa que algo vai se mostrar, mas que é condição de possibilidade para que algo apareça. Heidegger chama de *Dasein* e Kierkegaard, de angústia esse irromper incessante da possibilidade.

Mas por que a questão do *Dasein* seria o instante? O *Dasein* é uma presença subitamente irrompida, por isso não pode ser objetivado. Ao falarmos em *Dasein* não estamos nos referindo a representações encapsuladas: sujeito, eu, consciência. E esse irromper não pode ser nada, só não é previamente dado e, por isso, não pode ser objetivado, ou seja, um objeto simplesmente presente.

Assim, *Dasein* no seu irromper guarda o caráter do instante, como o mais originário, da possibilidade para a possibilidade. Instante não como transformação, mas como possibilidade para a transformação. O irromper como esse instante do ver, do despertar que irrompe seria algo de uma ordem diferenciada.

Por que se trata de uma possibilidade? Porque, no início e na maior parte das vezes, o homem se encontra submerso nas determinações do impessoal, em estado de esquecimento (Heidegger, 1927/1998), ou como nos ensina Kierkegaard (1844/2010b), o homem está em estado de sonolência, espírito adormecido. E o despertar se dá aí, no instante como possibilidade para a possibilidade. Despertar já está dado como possibilidade, vem da própria abertura, mas esse irromper abruptamente é da ordem do instante. Como *Dasein* irrompe, torna-se possível pensar em uma retomada, em que algo pode se transformar. Embora esse irromper não seja da ordem da surpresa, já que é o mais originário, é retomada, o instante pode aparecer como algo que surpreende. O homem pode estar totalmente absorto nas suas atribuições e afazeres do dia-a-dia, experimenta as coisas como se tudo fosse dado e, de repente, alguma coisa aparece, algo da ordem do instante, e tudo se transforma.

Por fim, Heidegger (2001) nos mostra como *Dasein* deve ser pensado em seu caráter ontológico de abertura. Abertura na qual o homem encontra todas as representações objetivantes, já o existir como *Dasein* significa poder se manter na clareira, ou seja, no poder perceber, que como já dissemos acima, escapa a qualquer objetificação.

Em um segundo momento, Heidegger (1927/1998; 1929/2006) aborda o tema da possibilidade de salto ao tratar das tonalidades afetivas fundamentais: angústia - que ao suspender as orientações sedimentadas em um mundo - abre um espaço de possibilidades e; tédio que ao suspender tempo, abre a possibilidade da transformação.

As tonalidades afetivas da angústia e do tédio, em Heidegger, são tratadas como atmosferas capazes de suspender as demandas do mundo. A angústia, como tonalidade afetiva fundamental, quando toma o



homem faz desaparecer as orientações sedimentadas e lhe traz uma miríade de possibilidades. Trata-se de um instante em que algo se abre para outras possibilidades, possibilitando a transformação. A tonalidade afetiva fundamental do tédio¹ suspende tempo. O homem tomado por essa atmosfera, que é epocal, ou seja, aparece no mundo moderno, tenta de todos os modos a distração, não quer que o tédio o tome. E, assim, esse homem se enche de ocupações de modo a não se deixar tomar por outras possibilidades, que se anunciam no tédio, quais sejam: a paciência, a contemplação, o pensamento meditante.

Em uma visão da analítica do *Dasein*, tomamos a existência nesse caráter de abertura, de instante, possibilidade para a possibilidade. Na psicologia existencial, para compreender o homem desse modo, é preciso, antes, suspender tudo que aprendemos na nossa ciência: o homem pode ser controlado e seu comportamento pode ser antecipado, que ele se compõe por meio de faculdades e nos diferentes estágios do psiquismo humano. Trata-se, nesse outro modo de fazer psicologia, de proceder à abolição da sucessão temporal. Trata-se de reposicionar o modo de pensar o tempo, de forma a compreender que o instante se dá no mesmo gesto, no mesmo ver.

A epifania na literatura

Tendemos a compreender o instante, salto e a epifania sempre no sentido de algo positivo, melhor e mais saudável. No entanto, a literatura nos mostra que no instante pode irromper naquilo que denominamos saúde como no que chamamos doença. Clarice Lispector (1998) nos mostra, no personagem Ana, o irromper da tonalidade do afetar-se por algo que tem sentido em sua existência; Anton Pavlovitch Tchekhov (1892/2005), em *Enfermaria 6*, nos mostra o irromper do temor que leva o protagonista ao total sofrimento. Em *Uma possibilidade*, Sören Aybe Kierkegaard (1847/2004) nos conta o modo como o instante é decisivo na vida de um homem que ele chamava o guarda-livros.

O conto de Lispector recebeu o título Amor. Clarice nos conta que Ana era uma mulher muito dedicada à sua casa e filhos e ao seu marido. Todos os dias, ela deixava a casa impecável e sentia-se bem na realização de suas tarefas, exceto ao findar da tarde em que certa inquietação a acometia. Logo se recuperava e planejava a saída para fazer as compras. Certo dia, quando estava retornando a sua casa com as compras, inclusive, ela levava ovos; de súbito viu um cego, mascando chiclete, aguardando o sinal para atravessar a rua; nesse mesmo instante, o bonde, no qual ele se encontrava, freou e suas compras caíram, quebrando alguns ovos. Nesse instante, Ana viveu o momento epifânico não se importou com os ovos quebrados, foi para o Jardim Botânico sem planejar nada, contemplou as plantas que sempre estiveram lá, mas ela nunca reparara nelas. Depois de um longo passeio, retornou para casa, fez o jantar com os ovos que restaram. Durante o jantar, assustou-se com um barulho que vinha da cozinha como nunca se assustara. Abraçou o marido como nunca abraçara e disse que amava seu filho como nunca dissera. Os estudiosos das obras de Clarice afirmam veemente que a escritora nos mostra o instante epifânico experimentado por Ana, ou seja, o salto para a possibilidade de ver tudo que a rodeia tomada pela atmosfera do amor. Ana se transformou.

O irromper na tonalidade do temor em *Enfermaria 6*, Tchekhov (1892/2005) nos mostra como a loucura pode advir do instante. O protagonista desse conto, Ivan Dmítrich Gromov era um burocrático que conduzia sua vida em um total controle, como exige a burocracia. Todos os seus dias eram iguais, ele não tinha o que temer. Era empregado do governo e sua situação financeira era estável. Até que um dia, dirigia-se para o seu local de trabalho e viu um homem sendo algemado e levado à força pelos policiais. O homem gritava, jurava a sua inocência; o sofrimento desse homem e seus pedidos de socorro eram totalmente indiferentes aos policiais e aos que assistiam a situação. O protagonista, ao ver tudo isso, abriu-se, nesse instante, a possibilidade de que ele poderia ser preso injustamente. A partir daí ele passou a desconfiar cada vez mais de qualquer situação que ressoasse como ameaça. Ele queria controlar qualquer possibilidade de que tal tipo de coisa lhe ocorresse. Com isso, recebeu um diagnóstico de loucura e foi internado em um hospital psiquiátrico. Ou seja, o instante foi decisivo no modo como esse personagem passou a se relacionar com a vida. Ivan se transformou.

O guarda-livros, um homem extremamente organizado e trabalhador, certo dia, irrompe nele a tentativa de controle levada a última potência. Ele reduz todas as possibilidades a uma só possibilidade. Kierkegaard nos conta que esse homem fazia tudo nos conformes, era um homem comedido e ficou muito rico ao receber de seu patrão o negócio em que ele trabalhava. Certo dia, seus amigos o chamaram para tomar uns *drinks*. Ele, depois de muito resistir, acabou concordando. Depois da bebedeira, eles foram visitar prostitutas. Kierkegaard, em seu relato, faz parecer que o guarda-livros teve relações sexuais com uma das moças. A situação se finalizou, o rapaz foi para sua casa, até que um dia, seu tio disse-lhe algo que ele ao ouvir se transformou: As mulheres sempre saberão se são mães ou não, já os homens se são pais, jamais saberão. Ao ouvir tais palavras, o jovem se transformou, a dúvida o consumiu e ele passou a pro-

¹ Heidegger (1929/2006) discorre sobre o tédio como uma tonalidade afetiva fundamental característica de nosso tempo. Ele se refere a três modos como essa tonalidade, que marca a relação com o tempo, se mostra: o ser entediado por..., o entediar-se junto a... e o tédio profundo. O tédio profundo, que diferentemente dos outros dois modos, acontece com a supressão de qualquer indicação quanto a uma experiência existencial pessoal. Sobressai a experiência de um total vazio.



curar o possível filho que ele poderia ter concebido naquele dia. A partir de então, ele passou a procurar incessantemente esse filho. Pintava fotografias de crianças com os possíveis traços que elas teriam a partir dos traços fisionômicos dos possíveis mãe e pai. Daí em diante, ele passou a procurar de modo obcecado o filho que ele pudesse ter abandonado. O guarda-livros se transformou.

A questão que se impõe é que nós, psicólogos, entendemos muito bem como operar mudanças e quando e como elas acontecem, mas no que diz respeito à transformação, não sabemos como e quando ocorre, no entanto, resguardamos um espaço para que a possibilidade ocorra.

A transformação na clínica psicológica

A clínica psicológica guarda em seu cerne a possibilidade de articular uma relação que resguarde a possibilidade de transformação daquele que busca a clínica por encontrar-se inquieto (questionando) com relação a sua existência. Resguardar esse espaço consiste em não atuar de modo a fortalecer as orientações da impessoalidade que recomenda ficar como se está, ou seja, adaptado e confortável; e deixar que aquele que escuta o sinal da inquietação, tal como Ana de Clarice Lispector, Ivan de Tchekhov e o Guarda-livros de Kierkegaard, possa se abrir para outra possibilidade para lidar com o que lhe vem ao encontro.

Mas o que nos leva a acreditar na possibilidade da transformação e que ela possa se dar apenas nesse aguardar? Justamente pelo caráter de *ek-stasis*, ou seja, de irrupção própria à existência do homem, é que esse ser pode se abrir sempre para o salto. *Dasein*, por se encontrar sempre nessa abertura constitutiva, sempre também já se encontra na possibilidade da transformação. Pelo caráter de possibilidade de sempre irromper, compreendemos o instante, salto e epifania, como algo que o clínico não promove, não manipula, não provoca; ao contrário, o clínico aguarda pacientemente aquilo que pode ou não acontecer. Esse profissional sabe que no seu ofício quanto mais ele quer e luta para que a transformação se dê, mais se afastará de seu objetivo. Nessa perspectiva, parte-se do fato de saber que o psicólogo não é o agente da transformação, no entanto, pode ser voz das transformações possíveis. Por isso, é preciso que o psicólogo clínico também se entregue, não com passividade, mas em uma atitude de atividade passiva ou passividade ativa (Feijoo, 2017).

O clínico em sua passividade-ativa sabe que sua tarefa não consiste em dar algo da ordem de um conselho, saída ou caminho. Ao contrário ele só pode dar algo se souber que não há nada que ele possua e que, portanto, possa dar. Isso significa que o que lhe cabe é ficar junto ao outro, acompanhando o que esse outro tem a dizer; recuando diante de qualquer pergunta do analisando pela saída de uma situação, pela resposta a sua questão, pela solução de suas tensões. Esse recuar é um pôr-se ativo que passivamente entrega a esse outro a decisão pelo caminho que ele tomará em sua vida.

O clínico sabiamente sabe que a cada um cabe decidir-se por si mesmo. Para tanto, ele se mantém na posição de quem nada sabe, e esse não saber resguarda o espaço para que o outro possa ver por si mesmo. E é esse poder ver, ouvir, sentir que é a condição de possibilidade para uma possível transformação.

Para que haja mudança, o psicólogo em geral, posiciona-se como o agente da transformação, muitas vezes, dispõe de técnicas, ou seja, meios para atingir fins; mas para que haja transformação, não há nada de que o psicólogo fenomenológico-existencial possa dispor, ao contrário, é preciso que ele não disponha, não posicione, não dê caminhos. O que faz então o psicólogo? Ele atua “dando um passo atrás”, reconhecendo que a transformação só pode ocorrer pelo salto daquele que se abre para a possibilidade de transformar-se. Ao psicólogo clínico cabe apenas pacientar e de modo libertador não dizer o que o outro deve fazer, não fortalecer os motivos pelos quais o outro deve agir.

Aguardar, retroceder e pacientar parecem, no mundo da técnica, meio truncados, estranhos. Parece mesmo um fazer que é um não fazer. Como sabemos que no horizonte da técnica, com suas teorias e manejos técnicos, esse fazer é tido como um não fazer, precisamos buscar o rigor do nosso modo de saber-fazer clínica, na filosofia e na literatura. Em síntese, para sairmos da lógica da mudança para a ideia da transformação de modo a entender o que e o como da transformação é que, também, recorreremos à filosofia e à literatura.

O psicólogo clínico na perspectiva existencial assume um lugar de resistência ao destino histórico do homem moderno com as demandas sedimentadas de produtividade incessante em suas expressões de compulsividade; à lida apressada com o tempo; ao desenraizamento da existência naquilo que é mais originário com sua expressão de tédio. Para resistir a essas demandas às quais somos convocados a participar, faz-se necessário: serenidade, paciência e a arte do bem perguntar (Heidegger, 2001).

A serenidade (Heidegger, 1959) refere-se ao pensamento meditante. Isso quer dizer poder parar frente às coisas e, demoradamente poder ver a atmosfera que se compartilha historicamente. Ganhar liberdade e poder dizer ‘sim’ e ‘não’ as demandas do mundo. Isso quer dizer: estar no mundo sem ser dele (Feijoo, 2017). Uma vez conquistada essa liberdade, nós, psicoterapeutas, podemos recuar frente às determinações que articulam e posicionam modos de ser para, assim, antes de fortalecermos o outro no sentido de se adequar; possamos, pouco a pouco, enfraquecer a força das verdades inseridas no modo de ser do homem-mundo moderno.

Paciência, ou seja, pacientar é uma expressão utilizada por Kierkegaard (1843/2001 b; 1844/2001c) para defender que é em paciência que o homem ganha a sua alma. Esse estado diz respeito ao poder de



dar tempo ao tempo para que as coisas possam aparecer no seu tempo. O mundo moderno prima por uma impaciência e consequente aceleração para que os resultados rapidamente se dêem, em desobediência ao ritmo das coisas. O psicólogo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial ao conquistar a possibilidade de aguardar, possa aguardar o tempo do outro, não se apressar e se relacionar com o outro no seu tempo. No tempo necessário para que o outro possa conquistar a sua alma.

Com relação à arte do bem perguntar, Heidegger (1987/2001) utiliza esse termo durante os Seminários de Zollikon quando está orientando psiquiatras e psicoterapeutas com relação a outro modo de lida em suas clínicas para além do modo das ciências naturais. Ao modo das ciências naturais, o profissional é o agente da mudança por isso, ele responde e dá caminhos; na arte do bem perguntar, não se responde nem se dá soluções, respostas, ao contrário, questionam-se, por meio de interrogações, as verdades estabelecidas, que podem muitas vezes aprisionar o homem, que acredita que o caminho ditado pelo impessoal é o único a ser seguido.

E assim, de modo sereno, paciente e bem perguntando, o clínico deixa que a medida existencial daquele que muitas vezes quer a medida normativa, tal como aparece nos manuais, possa aparecer. A seguir vamos aos exemplos de atenção clínica em que a serenidade, a paciência e a arte do bem perguntar aparecem em situação.

Milton Erikson (Zeig, 1985), neurologista americano, se dedicou por muitos anos a psicoterapia. Ele nunca escreveu nada sobre sua prática clínica, mas seus alunos o fizeram. No livro intitulado *Un seminario didactico com Milton H. Erikson*, há o relato de algumas experiências que mostram o momento do instante, salto e transformação. Primeiramente, ele deixa claro que a transformação não é algo que apenas ocorra em situações clínicas e nos conta de um homem que morava em uma cidade do interior e que a única coisa a que ele se dedicava era a bebida. Ninguém se preocupava ou lhe dava atenção, estava totalmente desacreditado. Certo dia, ele se encontrava embriagado, quando uma jovem da cidade, filha de um grande fazendeiro local, passou por ele a cavalo. Ele na sua embriaguez lhe disse: “Você quer sair comigo?”. Ela prontamente respondeu: “Ok, nos encontramos hoje à noite”. Segundo Erikson, as palavras da moça fizeram irromper no rapaz uma transformação. O rapaz saiu com a moça e nunca mais voltou a beber. Esse acontecimento fez Erikson acreditar no poder da palavra para que o outro pudesse se transformar. E desse modo, Erikson continuou a sua clínica. Ele conta como em uma psicoterapia de casal, trabalhou de modo a que os cônjuges pudessem se sentir um no lugar do outro. E pelo sinestésico um pode se abrir e compreender o modo de ser do outro. Ambos juntos transformaram a relação.

Nas publicações de Feijoo (2010), podemos acompanhar diferentes situações em que transformações acontecem. Mariana, uma mulher de 40 anos, que insistia em queixar-se do modo indiferente que as pessoas se relacionavam com ela, o instante que abre a possibilidade de transformação ocorre no momento em que ela quer que a psicoterapeuta deixe de atender o próximo analisando porque ela precisa de mais tempo. O clínico não permite que isso aconteça e ela fica muito aborrecida. Deixo que vá embora sem lhe dar o tempo que ela solicitava. Na sessão seguinte, ela mostra toda a sua indignação e diz que iria pagar o que devia e não ficaria mais. Segue o trecho da sessão (Feijoo, 2000, p. 176):

- O que você gostaria que tivesse acontecido?
- Que a senhora me desse mais atenção. Ficasse comigo o tempo que eu precisasse.
- E o outro cliente que aguardava lá fora?
- Ele esperava.
- E o outro a seguir?
- Esperava também.
- E eu?
- Não sei, problema seu.
- Você só sabe do que você precisa. Os outros que esperassem, resolvessem ou não seus problemas, não importa desde que você resolvesse os seus.

Depois de mais alguns diálogos, a campainha toca e Mariana diz: “O outro cliente chegou, acabou meu tempo” (p.176). Em conclusão, Erikson já havia defendido que a transformação é sempre uma possibilidade na existência, e mostra com grande maestria como acontece. Em Feijoo, podemos acompanhar que por meio da arte do bem perguntar, resistindo às demandas do mundo com relação ao tempo curto e à direção em que as mudanças devem acontecer; a relação clínica pode sustentar a possibilidade da transformação. A psicoterapeuta, neste caso não foi agente da transformação do outro, mas pode sustentar sua possibilidade.

Considerações finais

Em resposta às duas questões apresentadas no início: 1- Como transmitir aquilo que alcançamos em nossa experiência? 2- Como mostrar que a nossa clínica psicológica se constitui com rigor? Vamos acompanhar a seguir.



O esclarecimento acerca da mudança e da transformação como dois modos de compreender o exercício da clínica psicológica, não se excluem mutuamente. A mudança pode ocorrer sem que haja transformação, já quando há transformação imediatamente a mudança também se dá. A mudança diz respeito ao comportamento, por exemplo, quem come compulsivamente pode mudar o comportamento pelo objetivo de emagrecer. Essa pessoa vai mudar os hábitos, muitas vezes procura um nutricionista para que esse lhe de tutela por meio de uma dieta ou indicação de exercícios, ou seja, é preciso um intervalo temporal para que as coisas se modifiquem. A transformação necessariamente não visa objetivos, não há antecipação, nem mudança de hábito, de repente algo aparece e a pessoa salta de um modo de ser junto às coisas e aos outros para outro modo inusitado.

A filosofia em seu caráter especulativo, desde seus primórdios, referia-se ao salto, ao surpreender-se como algo que o próprio filósofo experimentava ou via acontecer. Platão (citado por Leão, 2013) no *Mito da caverna* já apontava para essa possibilidade. A literatura é rica nos modelos *protó-tipos* e nos mostra diversas situações em que o salto acontece. E a clínica psicológica, com base teórica - especulativa, tomando a literatura como exemplo *arché-tipo*, pode prescindir de qualquer modelo teórico explicativo, aliás, deve prescindir; deixando que a filosofia e a literatura abram a possibilidade de passagem do caráter moralizante da psicologia prescritiva para a psicologia que guarda em seu cerne o caráter sensível. Com isso, essa psicologia, que se apresenta em nosso exercício profissional, se aproxima muito mais de um fazer como arte do que de uma fazer como técnica.

A clínica psicológica existencial toma como base de sua relação clínica esse aguardar sereno e paciente por meio da arte do bem perguntar. Sereno porque o clínico no mínimo conhece as orientações do impessoal e sabe que está no mundo, mas não é do mundo, ou seja, não se deixa tomar cegamente por essas determinações. Esse clínico conquistou a possibilidade do pensamento meditante, totalmente relegado ao segundo plano no mundo da técnica. Pacientemente, uma vez que ele, na sua relação clínica, não se deixa tomar pela pressa, pela impaciência na conquista de resultados, ele sabe que precisa dar tempo ao tempo. E na arte do bem perguntar, ele questiona de modo a que o outro possa se demorar nas questões que são suas.

Em conclusão, com o tema instante, salto, epifania e transformação, tal como pensados pela filosofia e descritos como experiência possível na literatura e como uma possibilidade de saber-fazer na clínica psicológica, constituem-se como de fundamental importância para a transmissão de um saber e para o aprendizado do exercício da clínica psicológica.

Referências

- Beck, A.t., Freeman, A., & Davis, D.O. (2005). *Terapia cognitiva dos transtornos da personalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Feijoo, A. M. (2000). *A escuta e a fala em psicoterapia: Uma perspectiva fenomenológico-existencial*. São Paulo: Vektor.
- Feijoo, A. M. (2017). *Existência & psicoterapia: Da psicologia sem objeto ao saber-fazer na clínica psicológica existencial*. Rio de Janeiro: Ifen.
- Fogel, G. (2010). *O homem doente do homem e a transfiguração da dor*. Rio de Janeiro: Mauad
- Heidegger, M. (1959). *Serenidade* (M. M. Andrade & O. Santos, Trans.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Heidegger, M. (1991). Identidade e diferença. In: *Os pensadores*. (Ernilo Stein, Trad.). São Paulo: Nova Cultural. (Original publicado em 1957).
- Heidegger, M. (1998). *Ser e tempo*. (Márcia de Sá Cavalcanti, Trad.). Petrópolis: Vozes. (Original publicado em 1927).
- Heidegger, M. (2001). *Seminários de Zollikon* (G. Arnhold & M. F. Prado, Trans.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1987).
- Heidegger, M. (2006). *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude e solidão*. (Marco Antônio Casanova, Trad.). Rio de Janeiro: Forense Universitária. (Original publicado em 1929)
- Kierkegaard, S. (2001a). *Dois discursos edificantes de 1844* (H. N. Levinspuhl, Trad.). Petrópolis: Henri Nicolay Levinspuhl. (Original publicado em 1844).
- Kierkegaard, S. (2001b). *Quatro discursos edificantes de 1843* (H. N. Levinspuhl, Trad.). Petrópolis: Henri Nicolay Levinspuhl. (Original publicado em 1843).



- Kierkegaard, S. (2004). Uma possibilidade. In Valls, A. (2004). *Do desespero silencioso ao elogio do amor desinteressado* – aforismos, novelas e discursos de Sören Kierkegaard. Porto Alegre. (Original publicado em 1847).
- Kierkegaard, S. (2006). *O lo uno o lo otro*. Um fragmento de vida. (Darío González, Trad.). Madrid, Editorial Trota, v.1 (Original publicado em 1843).
- Kierkegaard, S. (2006). *El instante*. (Albertsen A., Trad.). Madrid, Editorial Trota (Original publicado em 1855).
- Kierkegaard, S. (2008). *Postscriptum no científico y definitivo a Migajas filósóficas*. (Jordan, N.B., Trad.). México: Universidad Iberoamericana. (Trabalho original publicado em 1846).
- Kierkegaard, S. (2009a). *A repetição*. (José Miranda Justo, Trad.). Lisboa: Relógio D'água. (original publicado em 1843).
- Kierkegaard, S. A. (2009b). *Temor e Tremor*. (E. M. Sousa, Trad.) Lisboa: Relógio D'Água. (Original publicado em 1843).
- Kierkegaard, S. A. (2010). *O Conceito de Angústia*. (Álvaro Valls, Trad.). Petrópolis: Vozes; São Paulo: Editora Universitária São Francisco. (Original publicado em 1844).
- Leão, C. E. (2013). O *ethos* em Platão a partir do *eidos*. In. Bocayuva I. (org.) *Ethos na antiguidade*. Rio de Janeiro: Viaverita.
- Lispector, C. (1998). Amor. In: *Laços de família*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Tchékhov, A. (2005). *Enfermaria n 6*. São Paulo: Editora Veredas (Original publicado em 1892).
- Zeig, J.K. (1985). *Un seminario didáctico con Milton H. Erickson*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

Recebido em 04.11.2019 – Primeira Decisão Editorial em 21.03.2020 – Aceito em 24.03.2020